

► ARTIGO - PEDALANDO PELOS MUNDOS

Viagem de bicicleta pelo sul da Amazônia

Pedalando pelos mundos, o JORNAL VOZES esteve no sul da Amazônia e interior do nordeste, com o intuito de ouvir as comunidades, fundamentalmente com foco em Violência Contra Mulher e Direitos Humanos e Saúde Mental.

As queixas foram diversas e as vítimas oriundas dos variados grupos sociais. Líderes religiosos, pais, padrastos, tios, conhecidos da comunidade, dentre outros, acusados de agredir, aliciar, explorar, assassinar e estuprar mulheres, muitas na menoridade, que posteriormente ainda terão que conviver com seus agressores, seja em casa ou nas ruas, vendo-os transitar pelos espaços como se nada houvesse acontecido, caladas frente a um sistema que parece ser feito para não funcionar.

Citemos Dona L, moradora de um pequeno município de um desses interiores, abandonada pelo marido quando as filhas ainda eram bem pequenas. Ela tornou-se paciente psiquiátrica, mas há anos não recebe atendimento, pois sua cidade e região não contam com os devidos serviços, sendo o único resquício deles, um prédio abandonado caindo aos pedaços que fora um hospital público gerido de forma terceirizada pela “empresa” de um médico figurão, amigo do prefeito que possui uma imensa residência que chega a tomar todo um quarteirão da pequena cidade, além de tantos outros negócios que parecem fazer parte de um considerável patrimônio, em meio a uma ampla rede de interesses individuais e de grupos.



Foto: Marcio R. Lima/J. Vozes

Assim, Dona L, que antes do fechamento do tal hospital ganhava uma grana fazendo “fila dupla” com a distribuição de consultas e exames para a população, em troca de votos para o médico figurão e os seus, em meio ao esgoto a céu aberto que perpassa toda a cidade, decidiu tirar as filhas da única escola, uma cheia de grades e que possui em seu muro rachado os dizeres “Esperança e Desenvolvimento”, e agencia-las em programas sexuais, algumas vezes em troca de favores básicos, como a compra de mantimentos para casa ou refeições (quem gostar de sexo com idosos também pode pagar por Dona L).

Ela vai se virando, a tranços e barrancos, para pagar o

Aldeia Jussarau, na região amazônica, visitada pelo Vozes

aluguel mensal da pequena casa com péssimas instalações que vivem queimando seus eletrodomésticos e eletrônicos parcelados em carnê, além dos fiados que faz nos poucos comércios que ainda lhes dão crédito. Aliás, nos dias em que estivemos com Dona L, vimos algumas pessoas baterem à sua porta cobrando dívidas, algo que a deixa profundamente constrangida e ainda mais mal vista pela comunidade.

Essas e outras situações vividas por ela, constroem um complexo processo

estrutural que contribui para que Dona L seja vítima e agressora em potencial e, em meio a uma vida regrada por relações de violências diárias, sofridas e efetuadas, ela decidiu num dado momento não mais sair às ruas, isolando-se quase que permanentemente e evitando o contato com os demais que, por sinal, em grande parte, adoraria que Dona L “sumisse do mapa” e fosse embora dali para qualquer lugar que seja, sendo esse desejo também fruto de pessoas que vivem em meio a esse mesmo complexo estrutural que as potencializa a serem, tanto vítimas quanto agressoras.

Crime é crime, lei é lei e estamos todos submetidos a elas. Portanto, Dona L deveria ser julgada, além de,

principalmente, cuidada. Porém, em meio a um sistema que parece ser feito para não funcionar, continua livre pelas ruas, tal qual os agressores de mulheres, e pior, continua presa em sua própria residência, devido a baixa estima e vergonha de si, sentimentos que não mais lhe dá coragem de ser livre, nem pelas ruas, nem dentro dela própria. As prisões estão muito além das grades e muros concretos e, assim, Dona L tornou-se o manicômio de si mesma.

Crime é crime, lei é lei. Portanto, simultaneamente ao julgamento de Dona L, deveríamos levar ao banco dos réus também toda a complexa estrutura circundante, e nela, o prefeito com sua mansão, o médico figurão com sua “empresa privada” e compra de votos, os líderes religiosos, pais, padrastos, tios e conhecidos da comunidade acusados das agressões contra as mulheres, os responsáveis pelo esgoto a céu aberto e pela “Esperança e Desenvolvimento” rachados naquela escola cheia de grades, além de todos(as) os indivíduos e grupos em meio a ampla rede de interesses que consolidam os patrimônios consideráveis de poucos.

Em meio a gestão da primeira mulher a ocupar o cargo de presidente(a) do Brasil, a terceira mulher mais poderosa do mundo, esperamos o zelo pela dignidade de todo(a) cidadão(a), que tem o direito a uma estrutura social ampla e eficiente, como dever do Estado, para que possamos desenvolver nossas potencialidades e construir ambientes de maior bem estar, com relações menos violentas que, por exemplo, não tornem vítimas e agentes potenciais da agressão, pessoas como Dona L, tanto a própria, como todas as outras Donas L que existem entre e em cada um de nós.

Agradecimentos especiais a Dona L, que nos recebeu com imensa hospitalidade e amor de mãe nos dias em que estivemos em sua humilde residência.

Marcio R. Lima